

Ensaio sobre a forma revolucionária da música funk

CRISTIANE PICININI¹

O gênero musical funk, em todas as suas manifestações, é uma “forma revolucionária” que atua no sistema capitalista como modo de descodificação, e que passa por baixo das axiomáticas da ordem, que mantém a passagem de fluxos descodificados, positivos e revolucionários sem reconstituir famílias perversas, sem fazer reterritorialização/recodificação². O que isso quer dizer? Isso significa que a música funk trata de formas de vida, de preconceito, de injustiça, do cotidiano em que os funkeiros se situam, onde na maioria das vezes, trata-se de periferias, favelas e áreas de população classe C, para falarmos em termos capitalistas. E por falar em termos capitalistas, isso não quer dizer que por ser oriundo dessas áreas, o funk não movimentou o capital, pelo contrário, não há como imaginar algo que fuja disso, com o funk não é diferente, como veremos mais adiante.

Pensemos agora nas origens desse movimento. O funk é oriundo do jazz e do soul. Nos anos 60 era denominado “indecente”, porque a palavra “funk” na língua inglesa, têm conotações sexuais, o que acabou incorporando a característica, e tinha uma música com um ritmo mais lento, dançante e com frases repetidas. Nos anos 70 o funk era mais pesado, influenciado pela psicodelia, deu origem ao subgênero chamado “P-Funk”. Já a década de 80, serviu para romper com o funk tradicional e transformá-lo em vários outros subgêneros, seus derivados: rap, hip-hop e break ganhavam força com os norte-americanos. Foi aí que surgiu a “house music”, derivado do funk, esse estilo era uma mistura do funk tradicional com efeitos eletrônicos. Os bailes funk eram influenciados por um novo ritmo originário da Flórida, o “Miami

¹ Mestranda em Filosofia pela Unioeste, desenvolve trabalho de dissertação sobre a má-fé em Jean-Paul Sartre, dando ênfase na literatura dostoievskiana. Este ensaio foi o resultado da disciplina Tópicos de Ética e Filosofia Política II, ministrada pela Professora Dra. Ester Heuser, onde nos propomos a ler e discutir o livro *O anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, e que teve como proposta final pensar sobre uma forma revolucionária que passa/passou por baixo das axiomáticas da ordem do capital.

² O termo “desterritorialização”, neologismo surgido no *Anti-Édipo* não forma por si só um conceito, e sua significação permanece vaga enquanto não for referido a três outros elementos: território, terra e reterritorialização. Distingue-se uma desterritorialização relativa, que consiste em se reterritorializar de outra forma, em mudar de território; e uma desterritorialização absoluta, que equivale a viver sobre uma linha abstrata ou de fuga; “desterritorialização” é sinônimo de “decodificação”. Entretanto, já se coloca o problema da “reterritorialização”, que leva ao tema polêmico da “nova terra”, sempre por vir e a ser construída, contra toda terra prometida ou ancestral, reterritorialização arcaica de tipo fascista. Inspirado antes na etologia do que na política, o conceito de território implica o espaço, mas não consiste na delimitação objetiva de um lugar geográfico. O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O investimento íntimo do espaço e do tempo implica essa delimitação, inseparavelmente material e afetiva. O traçado territorial distribui um fora e um dentro, ora passivamente percebido como o contorno intocável da experiência (pontos de angústia, de vergonha, de inibição), ora perseguido ativamente como sua linha de fuga, portanto como zona de experiência. No *Anti-Edipo*, o território não se distinguia do código, pois era antes de tudo um indício de fixidez e fechamento (ZOURABICHVILI, 2004, p. 22).

Bass”, que dispunha de músicas eróticas e batidas mais rápidas. Inicialmente as letras falavam sobre drogas, armas e a vida nas favelas, posteriormente, a temática principal do funk veio a ser a erótica, com letras de conotação sexual e de duplo sentido. Nos anos 90, o funk começa a ter uma característica própria, as letras passam a refletir o dia-a-dia das comunidades. Por ser um ritmo popular entre as camadas mais populares da sociedade e também por conter os chamados bailes de corredor, o funk começou a ser alvo de preconceito e ataques, pois é nos bailes onde as comunidades se dividiam em grupos, que frequentemente terminavam em brigas e repercutiam negativamente para o movimento funk. Com isso, havia uma constante ameaça de proibição dos bailes, que acarretou numa maior conscientização através das músicas que, frequentemente, pediam paz. Em meio a isso, surgiu uma nova vertente do funk carioca, o funk “melody”, com músicas mais melódicas e com temas mais românticos. Paralelo a isso, outra corrente do funk ganhava espaço: o “proibidão”, com temas vinculados ao tráfico, às letras eram, muitas vezes, exaltações a grupos criminosos locais e provocações a grupos rivais. O que não quer dizer que esse tipo de música não vende, ou não movimenta a indústria da moda e do turismo, ao contrário, faz sucesso e é uma cultura que caracteriza as particularidades desse grupo.

O funk teve sua origem no Brasil, principalmente, nas favelas do Rio de Janeiro, e tinha como papel principal disseminar a linguagem das periferias, onde suas letras retratavam o modo de vida, estilo, costumes e cotidiano desse modo cultural. Hoje, apesar de uma minoria de músicos funkeiros viverem deste modo, acredita-se que o sonho é ainda de viver pela música, porém, o funk também desceu os morros e faz parte, agora, de um novo estilo, chamado “funk ostentação”. O intuito aqui não é dizer que existe uma diferença entre funk do morro e funk do asfalto, mas afirmar que o funk surgiu inicialmente no morro, retratava o modo de vida de lá, tinha características próprias do morro, e como a mídia percebeu seu grande valor mercantil, com a ajuda da internet esse gênero se proliferou para muitos lados, quando desce para o asfalto recebe uma “maquiada”, para ficar mais popular, como “ostentação”.

Pois bem, o que é o funk ostentação? Por que este estilo de música se denominou como um modo mais requintado do luxo? Em primeiro lugar: levemos em conta, o quanto esse modo de ostentar o funk movimenta a mídia, basta abrirmos a primeira página de notícia na internet, ou ligar a tv, para vermos a imensa propaganda de artistas e o modo de vida ligado ao funk, sem contar na quantidade de contratos que as grandes gravadoras assinam com os “meninos da favela”. Em segundo lugar: baseado no grande número de fãs que o funk obtém, pensemos no quanto a indústria da moda se movimenta, nas grifes que são criadas, nos estabelecimentos que são especializados no estilo funkeiro de ser. Em terceiro lugar, agora não mais com relação ao capitalismo, como nos dois motivos anteriores: a relação aqui é com o Édipo, com as famílias de periferias, que em sua maioria, não são baseadas em um

tripé papai-mamãe-filhinhos. Essa estruturação da família “perfeita” e completa, não predomina aqui, na verdade, os problemas familiares que se encontram são, em suma, problemas oriundos do sistema, do capital, pois como já é sabido, as oportunidades oferecidas e vivenciadas no morro, não são as mesmas dos bairros nobres que beiram as margens da praia. Nesse terceiro motivo, há um momento de ilusão em pensar somente numa abordagem (não) edipiana, por um breve momento tomamos como fuga ao que nada escapa: o capitalismo.

O desejo, portanto, do indivíduo que mora na favela e gosta de ouvir funk, é comprar uma roupa que faça jus ao seu estilo, e participar dos bailes, que hoje possuem estruturas de mega eventos. No princípio, a intenção era reunir a galera da comunidade e criar músicas e danças que mostravam talentos que muitos não viam, e retratavam o modo de vida da periferia, isso inclui como se relacionam entre si, como compram, o que compram, o que vestem e bebem, como amam, como fazem festa, e qual a relação com o chefe do lugar. Como podemos ver em um trecho de *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 489) sobre o desejo que a arte (no caso da música) nos provoca: “É que a arte, assim que atinge sua própria grandeza, seu próprio gênio, cria cadeias de descodificação e de desterritorialização que instauram, que fazem funcionar máquinas desejanças”.

O que a música provoca em cada um de nós? Por que nos identificamos com determinados estilos musicais? Em sua maioria, essa aproximação se dá, primeiramente, pela condição social de cada indivíduo, depois, pela formação cultural e, posteriormente, pelo estilo de cada um. Basta imaginar um indivíduo que gosta de ouvir funk, que gosta de exaltar uma letra que fala de suas origens, de seu cotidiano, que foge dos padrões, que exalta agora um modo de vida artístico que tem seu preço, a ostentação. Além de uma expressão cultural e musical, o funk é uma arte, que passou a ter seu preço no mercado, passou de fluxos de linguagem para fluxos mercantis, como podemos perceber na filosofia de Deleuze e Guattari (2010, p. 491-492):

E talvez esteja nisso, como vimos, o valor mercantil da arte e da literatura: uma forma de expressão paranoica que já nem sequer tem necessidade de “significar” seus investimentos libidinais reacionários, uma vez que estes lhes servem, ao contrário, de significante: uma forma de conteúdo edipiana que já nem sequer tem necessidade de figurar Édipo, pois a “estrutura” lhe basta. Porém, no outro polo, esquizorrevolucionário, o valor da arte é tão somente determinado pelos fluxos descodificados e desterritorializados que ela faz passar sob um significante reduzido ao silêncio, abaixo das condições de identidade dos parâmetros, através de uma estrutura reduzida à impotência; escrita com suportes indiferentes, pneumáticos, eletrônicos ou gasosos, e que parece tanto mais difícil e intelectual aos intelectuais quanto mais acessível é aos débeis, aos analfabetos, aos esquizos, escrita que esposa tudo o que corre e tudo o que recorta, entranhas de misericórdia que ignoram sentido e

objetivo (a experiência Artaud, a experiência Burroughs). É aqui que a arte chega à sua modernidade autêntica, que consiste unicamente em libertar o que já estava presente na arte de todos os tempos, mas que se encontrava oculto sob objetivos e objetos ainda que estéticos, sob as recodificações ou as axiomáticas: o puro processo que se efetua e não para de se efetuar enquanto se processa, a arte como “experimentação”.

Em primeiro lugar, o que os filósofos querem nos dizer, é que há um valor mercantil da arte e da literatura, pois a arte é uma forma de expressão paranoica, que não se importa em significar seus investimentos de desejos antidemocráticos, porque esses investimentos se tornam o próprio significante, sendo uma forma de conteúdo edipiana, que basta apenas à estrutura. Em segundo lugar, pelo lado esquizorrevolucionário, o valor da arte é determinado pelos fluxos descodificados e desterritorializados que ela faz passar por (in)significante, sem nem passar por parâmetros, com estruturas impotentes, que quanto mais acessíveis são aos esquizos, mais distante se torna dos intelectuais, são entranhas que ignoram sentido e objetivo. Para a dupla francesa, a arte chega à modernidade quando liberta o que já estava presente na arte de todos os tempos, mas se encontra oculta de objetivos estéticos, sob as recodificações ou axiomáticas, é o puro processo que se efetua e não cessa, arte é experimentação.

No começo, ao “funk do morro” somente importava como as letras afetariam os indivíduos a sua volta e, como valor mercantil, o ideal seria viver da grana que o impacto dessas músicas causaria. Para isso, com a chegada da modernidade, das tecnologias avançadas e do midiatismo, precisou-se modificar o “jeito periferia de ser”, e se lançar a agradar um novo público, passando do playboy “rei do camarote” ao gringo que tenta rebolar até o chão. O funk era oculto quando estava no morro, era de difícil acesso, e mais difícil ainda foi seu estopim para a modernidade. Foram os vários modos de recodificação e reterritorialização do funk, se moldando a cada era, tornando-se uma forma de vida que serve cada vez mais ao capital. Seu valor é estabelecido por fluxos que não têm códigos ou territórios, é experimentação de quem está disposto a pagar, ou ser adepto “intelectualmente” de uma forma de vida, sem precisar se preocupar com o porquê, com a estrutura da coisa, basta que ela seja apresentada como tal, basta que o atrativo seja convincente a nós, atraídos, oriundos de formas “revolucionárias” de atraidores especialistas no sistema de reterritorializar, de nos recodificar, colocando-nos numa mesma estrutura, que pode ser a social ou a de mercado.

Referências

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34. São Paulo: 2010.

Funk. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/artes/funk.htm>. Acessado em 25

PICININI, C.

de julho de 2016.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: 2004.

Submissão: 15.05.2017 / Aceite: 25.05.2017